

Quando a subordinada representa o sujeito, um complemento essencial ou um termo attributivo de função restrictiva, a oração principal sem a dita subordinada é uma proposição imperfeita e truncada.

Nestas combinações:

*Quem porfia* mata a caça

Rio *que tem cachoeira* não é navegavel

Pedro diz *que não me conhece*

as principaes *mata a caça, rio não é navegavel, Pedro diz,* são proposições truncadas que só fazem sentido quando unidas com as subordinadas respectivas.

---

## Interrogação directa e indirecta

A interrogação pode-se fazer de duas maneiras. A interrogação **directa** é uma proposição independente, que differe da oração expositiva pelo tom de voz, podendo começar por uma palavra interrogativa :

- Vais todos os dias ao theatro?
- Leste as obras de Machado de Assis?
- Quem bate á porta?
- Onde está a felicidade?
- Porque não disseste toda a verdade?
- Quando se abrirá a exposição?
- Como se toma este remedio?
- Quaes são as causas da prosperidade do paiz?

A interrogação **indirecta** não pede resposta pronta, mas dá a entender que temos duvida sobre um factó e que estimariamos que esta se desfizesse com qualquer resposta. Soccorremo-nos de duas orações, uma principal, a outra subordinada, sendo esta proferida em tom commum, embora encerre a pergunta.

A oração subordinada começa ou pela conjunção interrogativa *se*, ou por algum dos vocabulos interrogativos *quem*, *qual*, *como*, *onde*, *porque*, *quando*, etc. Confrontem-se com os exemplos acima as perguntas indirectas:

- Não sei *se* vais todos os dias ao theatro.
- Dize-me (ou não sei) *se* leste as obras de Machado de Assis.
- Verifique *quem* bate á porta.
- Não sei *porque* não disseste toda a verdade.
- Mostra-me *onde* está a felicidade.
- Indaga *quando* se abrirá a exposição.
- Explica-me *como* se toma este remedio.
- Dir-me-ás *quaes* são as causas da prosperidade do paiz.

OBSERVAÇÃO. — Sendo as expressões *como*, *quanto*, *quão*, *que* applicadas tanto em frases interrogativas como em frases exclamativas, casos ha que se devem interpretar como exclamações indirectas: *Olha como ella chora! Bem sabes quanto me custa! Olha que infini-dade de moedas*, etc.

## Proposições explicitas e implicitas

A proposição é **explicita** se contém verbo, principal ou auxiliar, expresso no indicativo (incluindo o chamado condicional), no conjuntivo ou no imperativo. Chama-se, pelo contrario, **implicita** a proposição cujo verbo se acha no infinitivo, no gerundio ou no participio.

Ha, portanto, quanto á forma, tres especies de orações implicitas: *infinitiva*, *gerundial* e *participial*. Qualquer dellas é sempre subordinada ou dependente de outra proposição subordinante e pode geralmente desdobrar-se em oração explicita.

Reciprocamente as explicitas, sendo secundarias, são muitas vezes susceptiveis de serem contrahidas em implicitas. Exemplos :

Para que trabalhassemos = Para trabalharmos.

Quando tomamos o trem = Tomando nós o trem.

Depois que terminou a obra = Terminada a obra.

Se quizeres vir = Querendo vir.

Affirma que está doente = Affirma estar doente.

Todas as proposições de character adverbial podem-se expressar pela forma explicita, exceptuando as de modo, meio ou instrumento, para cuja enunciação nos valemos sómente da oração gerundial:

Resolve-se o problema, *recorrendo* á formula adequada.

O ladrão conseguiu escapar *ferindo* o seu perseguidor.

As vezes procura-se desdobrar este typo de orações em explicitas temporaes iniciadas por *quando* ou *emquanto*. É mero expediente, pois a noção de tempo não é equivalente á de modo ou meio de fazer alguma cousa.

## COORDENAÇÃO

Caracterisam-se as orações **copulativas** pelas particulas *e* e *nem* (= *e não*). Denotam facto ou simultaneo ou successivo a outro:

O marido trabalha no campo *e* a mulher cuida dos filhos.

Laura canta *e* Olga toca piano.

Eu li a carta *e* entreguei-a a Paulo.

Os jogadores haviam-se levantado pouco a pouco, *e* pareciam entregues a disputa desordenada e violenta.

Às vezes a particula *e* tem valor de «e todavia», «e entretanto», servindo a nova proposição para referir ou recordar um facto contrario á expectativa:

Já passa de meia-noite, *e* ainda os hospedes não chegaram.

És rico, *e* não pagas tuas dividas.

Se a primeira sentença for imperativa ou optativa, a oração de *e*, tendo o verbo no futuro, exprime a consequencia:

Segue o meu conselho *e* não te arrependerás.

Tivesse eu recursos, *e* não me sujeitaria a imposições.

Na enunciação de factos simultaneos ou successivos pode-se substituir *e* por *não só* (na 1.<sup>a</sup> oração)... *mas tambem* ou *mas ainda* (na 2.<sup>a</sup> oração)...

*Não só* se fundaram grandes povoações, *mas tambem* se edificaram sumptuosos edificios.

*Não só* perdi a minha fortuna, *mas ainda* tive o desgosto de ver a minha casa incendiada.

Para exprimir claramente a contradição ou a restricção a um facto, ou á sua consequencia, soccorremo-nos da oração

**adversativa**, caracterizando-a com a conjunção *mas* ou *porém*:

Os meninos são inteligentes, *mas* nem todos estudam.

Deitei-me, *mas* não pude adormecer.

Todos affirmam a mesma cousa; eu *porém* não o creio.

Quebrou a corda, *porém* logo a concertaram.

Para mostrar a opposição de pensamentos e indicar que, cumprindo-se um facto, não se cumprirá outro, emprega-se a coordenação **disjuntiva**, servindo *ou... ou...:*

*Ou* eu me engano muito, *ou* elle não será eleito.

Nesta terra, *ou* chove e faz frio, *ou* faz sol e o calor é insupportavel.

A segunda proposição ligada pela conjunção *ou* pode também denotar a consequencia do não cumprimento da proposição anterior:

*Ou* os meninos se decidem a estudar, *ou* o mestre os punirá.

OBSERVAÇÃO. — Ligando-se, não duas sentenças principaes, mas dous termos de uma sentença, ou duas orações subordinadas entre si, podemos, em lugar de *ou... ou...*, usar de outras expressões como: *quer... quer, já... já..., ora... ora...*, etc.

Chama-se proposição **causal** a coordenativa que dá a razão de uma asserção, pedido, exhortação ou desejo. Conjunção propria para indical-a é *porque*. Pode-se usar, ás vezes, em lugar desta particula, *porquanto, pois, por isso que* ou *que*:

Não tens de que te queixar, *pois* (*porque* ou *porquanto*) fiz o meu dever.

Todos estavam contentes; *porque* era um santo mas jovial frade o bom do arrabido (Herculano).

A proposição **conclusiva** exprime a sequencia logica da proposição que a precede. Indica-se por qualquer das conjunções *logo, portanto, por isso, por conseguinte, por consequencia*:

Queres grangear fortuna, *logo* deves trabalhar.

Teu amigo está doente e sem recursos; deves *portanto* auxiliá-lo e confortá-lo.

## SUBORDINAÇÃO

### Oração substantiva

A **oração substantiva**, assim chamada por fazer papel de substantivo, pode representar:

- a) o sujeito de uma oração principal:

*Quem porfia mata a caça.*

E' possível *que elle chegue amanhã.*

- b) o complemento directo de um verbo:

Pediram-lhe *que não se demorasse.*

Espero a todo o momento *que elle chegue.*

Dizem *que o caso é grave.*

- c) o complemento terminativo (dativo):

Conferir-se-á o premio *a quem o merecer.*

- d) um complemento preposicionado:

Esqueces-te *de que és um pobre empregado.*

Tenho a certeza *de que elle deixará escapar tão boa occasião.*

Cada vez mais me convenço *de que ainda temos bons amigos.*

Tenho a consciencia *de que cumpri o meu dever.*

Estava receoso *de que o perseguissem.*

São também orações substantivas as orações subordinadas das interrogações indirectas, das quaes nos occupamos a pag. 181.

### Oração adjectiva

Orações que fazem o papel de attributo chamam-se **attributivas**, **adjectivas** ou **relativas**. Este ultimo nome provém do facto de começarem geralmente por um pronome relativo.

Estas orações são **restrictivas** se servem para completar ou delimitar o nome a que se referem :

As flores *que produz o meu jardim* são mais bellas que as do vizinho.

Este é o punhal *com que foi assassinado o porteiro*.

Elle mora em um predio *cujas paredes são pintadas de azul*.

As orações relativas são **explicativas** se representam apenas um esclarecimento, do qual se poderia prescindir sem prejudicar o sentido da oração principal :

Passou-se isto no tempo de Augusto, *que foi o primeiro imperador romano*.

A vida é mais bella na primavera, *em que os prados se cobrem de flores*.

Às vezes a oração explicativa encerra noção secundaria de causa :

Tu, *que és artista*, saberás o valor deste quadro.

Orações em que se faz uso da palavra *onde* com o valor de *em que, no qual*, são evidentemente relativas :

Casa *onde todos mandam* é casa mal governada.

Comprou um sitio em Jacarepaguá, *onde passa todos os domingos*.

## Orações adverbias

### Orações hypotheticas e condicionaes

A proposição **hypothetica** caracteriza-se pela conjunção *se* ou *caso*, *caso que*, *dado caso que*:

*Se houver guerra* ou *caso haja guerra*.

*Se ninguém morresse* ou *dado caso que ninguém morresse*.

Completa-se o sentido da proposição hypothetica com uma sentença principal, a qual vem expressar o facto decorrente ou dependente do facto supposto, dada a realisação deste :

*Se dous angulos são iguaes a um terceiro, são também iguaes entre si.*

*Se cessar a causa, cessará o effeito.*

*Caso não o encontre no escriptorio, deixarei ficar meu cartão de visita.*

*Adiar-se-á a festa, caso chova.*

A proposição hypothetica serve para exprimir, como nos exemplos precedentes, um facto eventual; mas pode também denotar um facto real, ou admittido como real, porém em contradicção com outro acontecimento. É linguagem usada sobretudo nas argumentações:

Pois *se* o reino já então *era* *chegado*, como pedimos nós ainda agora que venha? (Vieira).

*Se tendes* proposito de vos converter, porque não o fazeis?

Mas *se era* historia, como era parabola?

Como queres melhorar, *se não tomas* o remedio?

*Se eu me contento* com huma pobre pensão, razão é que me entristeça, não ouvindo o fruto do meu poupar (Sousa).

Um facto real e verdadeiro, devido a causa excepcional, enuncia-se muitas vezes sob a forma de proposição hypothetica seguida da proposição esclarecedora:

*Se alcançaste* o primeiro posto, deves esta felicidade ao bom empenho de teus amigos.

*Se os sitiados se renderam*, foi porque tinham acabado as munições.

A oração iniciada pela particula *se* pode denotar a condição de que depende certo acontecimento. Constitue-se assim o periodo condicional, sendo **condicionante** a oração de *se*, e **condicionada** a sentença principal. Distinguem-se os casos seguintes:

a) condicionante referida a facto inexistente ou improvavel:

*Se eu tivesse dinheiro*, compraria uma casa.

b) condicionante referida a facto realisavel:

*Se eu tiver dinheiro*, comprarei uma casa.



c) a condicionante exprime eventualidade:

*Se queres a paz, prepara-te para a guerra.*

Para significar que a condicionante representa uma clausula imprescindível e taxativa, de que depende o cumprimento de outra acção, costuma-se empregar, em vez da particula *se*, a locução *contanto que* ou *com a condição que*:

Entrego-te a joia, *contanto que* me restituas o dinheiro.

A oração de *contanto que* significa, ás vezes, a condição unica que se exige ou se deseja, sendo, quanto ao mais, indifferente o cumprimento da outra acção:

Não faço questão do termo, *contanto que* se entenda a realidade da cousa.

Digam o que quizerem, *contanto que* não me offendam.

### Equivalentes estilísticas das orações condicionaes

1.<sup>a</sup> Acto condicionante que deve ser executado pela pessoa com quem falamos, pode ser expresso sob a forma de conselho. Neste caso o acto condicionado será enunciado em segundo lugar e denotará o effeito ou consequencia.

Converte-se nesta linguagem a oração subordinativa iniciada por *se* em oração principal, com o verbo no imperativo; a oração seguinte terá o valor de coordenada e começará por *e* ou *que*:

*Toma* este remedio e *ficarás* curado [--*Se tomares* este remedio *ficarás* curado].

Nestas construcções, o imperativo muitas vezes é mera ficção rhetorica. Não se espera que o ouvinte cumpra a acção, porém que se convença mais prontamente do que asseveramos na proposição sequente. Ex.:

*Dai* ás paixões todo o ardor que puderdes, aos prazeres mil vezes mais intensidade, aos sentidos a maxima energia e *convertei* o mundo em paraiso, mas *tirai* delle a mulher, e o mundo será um ermo melancolico (Herculano) [--*Se*

*se der* ás paixões todo o ardor... e *se converter* o mundo em paraiso, mas *se se tirar* delle a mulher, o mundo será um ermo melancolico].

2.<sup>a</sup> A condicionante com verbo no tempo passado (as formas *-asse*, *-esse*, *-isse* ou *-ara*, *-era*, *-ira*), proferida antes da condicionada, pode prescindir da conjunção *se*, mas em tal caso emprega-se o verbo antes do sujeito. A condicionada seguinte poderá vir introduzida pela particula *e*:

Não *estivesse eu* doente, não me encontrariam tão depressa.  
*Visse-a Juno*, talvez se abrandaria (Castilho).  
*Fizera-o eu*, e arrependera-me (Ferreira).

3.<sup>a</sup> A oração de *se* com verbo no imperf. ou futuro do conjuntivo pode-se converter em oração infinitiva precedida de *a*:

Houvera sido feliz, *a não ocorrer* a desgraça de seu neto (Castilho).

*A ousares* tanto [= *se ousares* tanto], parte já (Castilho).

Abraçaram successivamente o monge, que recebia aquellas demonstrações com affabilidade tão excessiva, que, *a serem* [= *se fossem*] mais cautelosos, teriam desconfiado delle (Herculano).

Manda que os taes ministros sejam idoneos para exercitar o officio que o bispo havia de fazer, *a não estar* legitimamente impedido (Bernardes).

*A não ser* assim, não fora possível o que vejo (Bernardes).

4.<sup>a</sup> A oração condicionante explicita pode ser substituída por uma oração gerundial:

Ficarás curado *segundo* os conselhos do medico.

### Orações concessivas

A oração **concessiva** exprime um facto que, podendo determinar ou contrariar a realisação de outro facto principal, deixa entretanto de produzir o esperado ou possível effeito.

Esta occurrencia secundaria pode ser *supposta* ou *real*, e em linguagem antiga distinguia-se pelo emprego ora do

conjuntivo, ora do indicativo. Hoje servimo-nos do conjuntivo para um e outro caso.

Ha dous typos de orações concessivas: **simples e intensivas**.

As concessivas **simples** ou **communis** caracterizam-se pelas conjunções *ainda que, ainda quando, embora, comquanto, posto que, mas que, bem que, se bem que, se bem, não obstante que, apesar de que*. A oração principal, se vier posposta, pode ser realçada com uma particula correlativa: *comtudo, todavia, entretanto, sempre, ainda, assim* e outras. Exemplos:

*Comquanto* o capitão *tivesse* muitos feridos no baluarte, determinou resistir até o fim.

A esses, *mas que feneçam*, não podemos ouvir nem emendar (F. M. de Mello).

*Ainda que* alguns *sejam* de obscura geração,  *todavia* são venerados e acatados (H. Pinto).

*Ainda que* tomar este cargo *seja* contra minha vontade, *comtudo* faço-o por cumprir com a vossa (H. Pinto).

Fica outra vez confusa a mediania que se buscava, *não obstante que* está admittida sua latitude (Bernardes).

*Posto que* se apressasse, já não encontrou o medico em casa.

*Embora* protestasse energicamente, *sempre* acabou por submeter-se.

Mais sal tem o seguinte titulo de outro caso lastimoso que, *se bem* não aponto o autor que o refere, passou assim na verdade (Bernardes).

As concessivas **intensivas** referem-se a uma qualidade ou modalidade qualquer, consideradas em grau intensivo e sem limites.

Caracterizam-se pelas expressões *por mais... que, por muito... que*, ou simplesmente *por... que*, eliminando as palavras *mais* ou *muito*:

*Por mais fortes que sejam* os laços com que o amor nos prende, muitas vezes um discurso os rompe (Vieira).

Nunca chegará ao fim, *por mais depressa que ande*.

Engolfam-se em toda a sorte de vícios, *por abominaveis que sejam*.

Não acha um homem malayo, *por pobre que seja*, que queira levar às costas cousa propria nem alheia (Lucena).

Tratando-se dos adjectivos *grande, bom, mau*, empregam-se, em lugar de *por mais... que*, as formas *por maior que, por melhor que, por peor que*:

*Por peor que seja* a carreira que abraçaste, sempre é preferível a levar vida ociosa.

Navio algum governado por elle se perderia, *por maiores que fossem* as tempestades que contra elle se conjurassem (Vieira).

Nas expressões *por mais que, por muito que, por pouco que*, usadas sem interposição de adjectivos ou adverbios, as palavras *mais, muito, pouco* modificam o verbo que vem depois:

*Por mais que* o contentamento nos extasie, nunca nos deixa em estado de não sentir (M. Aires).

*Por pouco que subisse* o terraplano, ficaria igual ao muro.

*Por muito que procure* semear o joio no meio do trigo, sempre montam mais os bens que o Senhor cria e conserva (Lucena).

Mostrou-se inflexível, *por mais que* eu o importunasse.

A conjunção da oração concessiva commum pode achar-se reduzida á simples particula *que* ou *quando*, comtanto que o verbo esteja no conjuntivo:

Filho, essas cousas são leves; e, *que fossem graves*, é certo que ainda tem remedio (Bernardes).

E *quando* desse cuidado e trabalho *colham* fruto, esse, quando menos, ficará onde nasceu (Vieira).

Ao servirmo-nos do simples vocabulo *que*, damos geralmente preferencia á construcção inversa, iniciando a oração por um termo predicativo, ou um complemento, e pondo em segundo lugar a particula:

Amava-o muito e dar-lhe-ia a filha por mulher, *pobre que fosse* ou de menos puro sangue.

Pedi-lhe que comesse, *pouco que fosse* (Herculano).

*Carregada e feia que estivesse*, achar-lhe-ia a mesma formosura (Herculano).

Acudiam as matronas a qualquer obra, *servil ou arriscada que fosse*, prontas e opportunas.

*Cinco contos que fossem*, era um arranjo menor, e antes menor que nada (M. de Assis).

*A morte que fosse*, a morte de miseria e de fome, ficava (J. Diniz).

*Vinte libras que me offerecesse*, ainda assim não lhe cederia a minha obra.

Para significar que o acontecimento principal segue a todo o transe o seu curso e resiste decisivamente á occurrencia secundaria, valemo-nos não raro da linguagem affectiva, sendo então a proposição concessiva enunciada sem conjunção e reforçada ás vezes com dizeres do genero de *custe o que custar, dê onde der, seja o que for, aconteça o que acontecer*, etc.:

*Caiba a nossos corpos a sorte que lhes couber e façam seu fim no ventre das aves, não temos que temer.*

Já não faço caso dos homens, *digam o que quizerem.*

Outras vezes assignalamos o pensamento concessivo pondo a palavra *embora* em seguida ao verbo inicial. Nesta linguagem, passa-se de subordinação a coordenação:

Eis o que é conforme a interpretação de Bartholo á lei do Codigo. *Digam embora* outra cousa os que seguem diverso rumo (Herculano).

O pensamento concessivo pode ser enunciado por uma oração infinitiva, sendo o verbo regido de *apesar de, não obstante, sem embargo de*:

*Apesar de não ter sido* culpa da vontade, mas do entendimento, o extravio politico do autor deste livro, a divina justiça condemnou-o a remir o bestial peccado (Herculano).

*Não obstante* escassearem os recursos, prosegue-se na obra.

El-rei, *sem embargo de* a paixão não ser pouca e a idade não ser muita, conheceu logo o enganoso toque da adulação (Bernardes).

### Orações temporaes

A oração **temporal** faz, em relação a outra sentença, papel analogo ao do adverbio de tempo em relação a um

verbo. Serve geralmente a conjunção *quando* para exprimir a occasião ou tempo em que o acontecimento passa:

Assustei-me, *quando* abriste a porta.

*Quando* ouço tocar uma sonata de Beethoven, lembro-me da minha mocidade.

A aguia, *quando* se arroja sobre a preia, tem já construido o seu ninho nos penhascos da montanha (Herculano).

Occorrem as desgraças, *quando* menos se esperam.

*Quando* lhe escrevi a ultima carta, já elle tinha partido para outra cidade.

Muitas vezes, emprega-se a combinação de *ao* com infinitivo em lugar de *quando* seguido de verbo no indicativo ou conjuntivo:

*Ao descer* a escada, falseou o pé e cahiu.

*Ao entenebrece*r, alguns barqueiros sahiram ao largo (Herculano).

Os pastores que o encontravam diziam que, *ao passarem* por elle e *ao saudarem-no*, nem sequer os escutava.

Não derramarei mais lagrimas *ao vel-o* despénhar-se no precipicio.

Chegaríamos á fronteira *ao amanhecer*.

Rugindo de colera *ao contemplarem* este espectaculo, apertavam contra o peito a cruz das espadas (Herculano).

*Ao arrojar-se* por um prado alcatifado de flores, todas convertia em carvões ou escamas (Bernardes).

Pode-se tambem usar como equivalente da oração temporal explicita uma oração implicita com o verbo no gerundio:

*Descendo* a escada [=quando descia a escada], falseou o pé. O operario, *ouvindo* pronunciar seu nome, ergueu-se.

Querendo-se affirmar (ou negar) em especial a duração de um acto ou a simultaneidade do acontecimento, inicia-se a oração temporal explicita com a conjunção *emquanto* ou *entretanto que*:

Olhava para a agua, *emquanto* passava a ponte.

Deve-se malhar o ferro *emquanto* está quente.

*Emquanto* viveu na opulencia, não soube onde era minha casa.

Derramava lagrimas amargas *entretanto que* olhava para o filho morto.

Mandou a D. Lourenço que, *entretanto que* se não tomava conclusão no que os Mouros diziam, sahisse em terra com alguma gente (D. de Goes).

Para indicar que a um acontecimento se segue immediatamente outro, empregam-se as locuções *logo que, assim que, mal, apenas*:

Darei o recado *logo que* meu irmão chegar.

*Assim que* ouviram a voz do chefe, todos se calaram.

Esgueira-te *apenas* eu te der signal.

*Apenas* raiar a aurora, eu serei contigo.

*Apenas* o das Galés sahio, el-rei poz-se a passear agitado (Herculano).

*Mal* elle abriu a boca, todos começaram a sorrir.

O homem, *mal* vem ao mundo, já começa a padecer.

Em lugar da expressão *quando subitamente* usa-se muitas vezes *senão quando* ou *senão quando subitamente* ou *eis que*:

Cuidavamos estar perdidos e que nunca mais encontraríamos o caminho da patria; *eis que* apparece o nosso salvador.

E' meia noite. Repousam todos os da casa; *senão quando* entram com grande algazarra os rapazes embriagados.

Poz-se o padre logo de joelhos, e depois de fazer oração por algum espaço, ergue-se e faz o signal da cruz sobre o corpo morto; *senão quando subitamente* á vista de todos cobra o menino a cor, e toma folego, abre os olhos (Lucena).

Para denotar a repetição periodica de um facto servem as conjunções *todas as vezes que, cada vez que, sempre que*:

Levava o guarda-chuva *todas as vezes que* sahia.

*Cada vez que* meu filho errar, procurarei corrigil-o.

*Sempre que* te vires em apuros, debes pedir conselho a teu mestre.

Se o acontecimento da oração subordinante é anterior

ou posterior ao da oração subordinada, usa-se nesta ultima respectivamente *antes que* (ou *primeiro que*) e *depois que*:

O incenso, *primeiro que* exhala o seu perfume, arde (M. Aires).  
*Depois que* ouvi aquella seria argumentação, mudei as minhas idéas politicas.

Exigi o pagamento, *antes que* o devedor partisse para o estrangeiro.

O ponto em que começa um acto duradouro indica-se pela conjunção *desde que*, e o ponto em que elle termina por *até que*:

*Desde que* anoitece, não saio mais á rua.

Procurei por toda a parte, *até que* por fim o encontrei escondido num quinto andar.

Em certos casos, deixamos de usar as conjunções *antes que*, *depois que* e *até que* seguidas de verbo finito, sendo preferidas as combinações das preposições *antes de*, *depois de*, e *até* com infinitivo:

*Depois de servirem* o imperio como alliados, assolaram-no como inimigos.

*Antes de passarmos* avante, desejo saber acerca dos sacerdotes.  
 Almoçarei *antes de sahir*.

Foram caminhando descuidados, *até chegarem* a uma encruzilhada.  
*Depois de lhe mostrarem* as bellezas da cidade, acompanharam-no até a sua residencia.

Sentido identico a *depois de servir*, *depois de mostrar*, etc., têm as orações implicitas *tendo servido*, *tendo mostrado*. Querendo dar ao verbo significação passiva, diremos: *sendo feitas* (ou simplesmente: *feitas*) *estas obras*, *ditas estas palavras*, etc., por *depois que foram feitas*, *depois que foram ditas*, etc. A par de *tendo chegado*, diz-se *sendo chegado* (ou simplesmente *chegado*) *a este porto*, porque este verbo pode-se conjugar tambem com o auxiliar *ser*.

Ás vezes empregamos o participio do preterito seguido de *que* e o verbo *ser*:

*Acabado que foi* o prazo destinado pelo tyranno (Bernardes).  
*Assignaladas que sejam* as parcellas constitutivas das dicções,



assignaladas ficarão as dicções, que são a somma destas parcellas (Castilho).

*Eleito que foi* Saul e achado, trouxe-o o profeta Samuel a publico e mostrou-o ao povo (Vieira).

A palavra *que* tem valor de conjunção temporal, sendo portanto temporal a respectiva oração, quando se segue ás expressões *hoje, agora, então, ha tempo, faz annos, a primeira vez, a ultima vez*, e outras do mesmo genero :

Agora, *que* tudo está quieto, podemos sahir.

Foi a primeira vez *que* o vi.

Ha mais de quinze dias *que* isto se passou.

Fazia dous annos *que* elle frequentava o collegio.

Foi então *que* me deram tal noticia.

OBSERVAÇÃO. — Ha tendencia, bem notoria hoje em dia, para confundir, nestes dizeres, *que* conjunção com *que* pronome relativo, e para affirmar este caracter pronominal em certos casos hoje se prefere *em que* ao simples *que* da linguagem antiga.

### Orações finaes

A oração final representa o intento ou proposito a que se dirige acto expresso na oração subordinante. Caracterizam-na as locuções conjuncionaes *afim de que* e *para que*:

Faziam este serviço *para que* pudessem ganhar de comer.

Digo isto *afim de que* se saiba a verdade inteira.

Prefere-se geralmente empregar a linguagem concisa da oração implicita, combinando *afim de* ou *para* com o infinitivo :

Ganhava forças *para aturar* os rigores da Ordem.

Dissimularam a sua arrogancia *afim de serem* logo admittidos.

*Para ser* feliz não basta possuir riquezas.

A linguagem antiga podia empregar *porque* e *por* com significação equivalente a *para que* e *para*:

*Por nos não magoarmos* ou *mudarmos* do proposito firme começado, determinei de assi nos embarcarmos (Camões).

## Orações consecutivas

A oração consecutiva denota o effeito do grau extraordinario a que se leva a quantidade, qualidade ou intensidade de alguma cousa mencionada em oração anterior. Começa pela conjunção *que*, sendo previamente usada alguma das expressões *tanto*, *tal*, *tão*:

Era *tão* espessa a nuvem de gafanhotos, *que* escurecia o sol.

Havia *tanta* abundancia de comida, *que* não me faltava quando appareciam dous ou tres hospedes.

Foram *taes* as ameaças, *que* por fim me submetti.

Foi Pompilio *tão* amado do povo, *que* lhe puzeram uma estatua no Capitolio (H. Pinto).

O golpe bateu no elmo brilhante do conde com *tal* furia, *que* este perdeu a luz dos olhos (Herculano).

Anda a vossa alma *tanto* de mão em mão, *tão* inquieta, *tão* mudavel, *tão* trasfegada, *que* já se nella não enxerga a imagem de Deus (Vieira).

Havendo intuito de pôr em relevo a maneira ou a especie, empregam-se as locuções *de tal maneira*, *de tal modo*, *de tal sorte*, *de tal forma*, *de tal genero*, e outras semelhantes :

Choveu *de tal maneira*, *que* ficámos presos em casa.

Procedeu-se ao ataque *de tal forma*, *que* o inimigo não poude resistir.

*De tal sorte* eram as armas, *que* ficaram inutilisadas logo apoz os primeiros tiros.

Cubriram *de tal sorte* a imagem, *que* ninguem soube o que ali estava.

São propostas *de tal genero*, *que* não faltará quem as aceite.

Algumas destas locuções se usam tambem sem a palavra *tal*, e neste caso podem constituir um todo com a palavra *que*: *de modo que*, *de maneira que*, *de sorte que*, *de forma que*. Passam estes dizeres a pertencer á segunda oração e valem por conjunções consecutivas em exemplos como os seguintes :

Hoje ninguem quer trabalhar, *de sorte que* é difficil encontrar criados bons.

Recebi o dinheiro, *de modo que* deixa de subsistir a minha reclamação.

Tu nunca paras em casa, *de maneira que* escuso de ir visitar-te.

Outros casos ha em que *de modo, de maneira* são meros adverbios modificadores do verbo precedente, sendo a palavra *que* conjunção consecutiva:

Creio falar com clareza e *de modo que* todos me entendem.

Construíram o caes *de maneira que* desabará com a primeira resaca.

A oração iniciada pela locução conjuncional *de modo que, de maneira que, de sorte que*, vem ás vezes completamente destacada da proposição precedente por uma pausa forte. Representa então uma oração principal significando «A consequencia disto é» (ou *era, ou será, etc.*), como se vê por este exemplo:

Costumavam os antigos, quando convidavam alguém, pôr logo sal na mesa. *De maneira que* o primeiro prato que vinha á mesa era de sal.

### Orações comparativas

A oração **comparativa** serve para esclarecer um pensamento ou um conceito mostrando a semelhança, a igualdade (ou desigualdade), ou aquillo com que outra cousa está ou deixa de estar de accordo.

A particula *como*, usada na oração comparativa, designa a paridade:

Esmagaram e despedaçaram o coração de um homem, *como* os caçadores covardes assassinam o leão indomito e generoso (Herculano).

A sua alma parece despir-se da fantasia grosseira, *como* o corpo se despe da stringe aspera que lhe resguarda os membros.

Não é costume repetir, na oração comparativa, os dizeres da oração subordinante que a intelligencia facilmente suppre:

O sussurro do pinhal é *como* [é] um coro de finados.

Eu amo o sopro do vento *como* [amo] o rugido do mar.

Os hymnos tão suaves, tão cheios de unção, eram *como* [é] respirar tranquillo do somno da madrugada.  
Eduardo pensa *como* eu [*penso*].

A oração comparativa pode vir em primeiro lugar com a particula *como*, simples ou reforçada, usando-se, no segundo caso, frequentemente uma particula correlativa na oração seguinte: *como... assim...; assim como* (ou *bem como*)... *assim* (ou *assim tambem*)... Exemplos:

*Assim como* o sexo feminino, para augmentar a sua formosura, pede emprestada a das flores e perolas e plumas, *assim* aquelle monarcha, para parecer terrivel, se emmascara com as apparencias de um dragão (Bernardes).

*Como* duas vagas encontradas, no meio de grande procella, que... se quebram em cachões que espadanam lençoes de escuma para ambos os lados..., *assim* aquellas nuvens tenebrosas se despedaçavam, derramando-se pela immensidão da aboboda afogueada (Herculano).

A *tal* na oração principal corresponde *como* ou *qual* na proposição comparativa:

A festa não foi *tal qual* (ou *como*) se dizia.

Praticou acções *taes, quaes* nunca foram praticadas (Garrett).

Em vez de *tal... qual...* usa-se em certos proverbios muito concisos *tal... tal...*

*Tal* pai, *tal* filho.

*Tal* amo, *tal* criado.

A *tão* corresponde *como*, a *tanto* se segue *como* ou *quanto*:

Não eram os subditos *tão* leaes *como* elle cuidava.

Um leão *tão* feroz na catadura, *como* soberbo nos bramidos (Vieira).

Sabe-o o leitor *tão* bem *como* eu (Herculano).

Era *tão* horrenda e temerosa uma, *como* admiravel e prodigiosa a outra.

*Tanto* podiam pelejar em sete, *como* em oito navios (Vieira).

Dava *tanta* claridade *como* uma vela.

Medina abominavel teme *tanto quanto* Meca e Gidá (Camões).